



CARTA SEMANAL

---

# O Canário da Mina **56**

24 DE MAIO DE 2024

Eleições americanas: quem vai  
tirar o elefante da sala?

Durante os séculos XIX e XX, uma das atividades econômicas mais importantes do Reino Unido foi a extração de carvão de mina. Nesse contexto, uma das principais causas de acidentes com mortes dos mineiros era decorrente do vazamento de monóxido de carbono, um gás inodoro (difícil de detectar sem equipamentos) que, em grandes quantidades, pode provocar explosões ou morte por intoxicação. Como o monóxido de carbono é um resultado natural da extração do carvão, problemas de ventilação nas minas poderiam gerar acidentes mortais.

Em uma era pré-detectores de gases, o jeito de os mineiros se protegerem era levar um canário dentro de uma gaiola para a mina. Por ser muito mais sensível ao monóxido de carbono do que os humanos, a agitação do pássaro servia de alerta para que os trabalhadores deixassem a mina antes que um acidente ocorresse.

Esse é o objetivo de “O Canário da Mina”, artigo semanal que a G5 Partners divulga todas as sextas-feiras. O objetivo é ser um instrumento relevante e gerador de reflexões para o final de semana.

Boa leitura.

G5 Partners. Além dos resultados.



## Eleições americanas: quem vai tirar o elefante da sala?

Nas semanas anteriores, já falamos bastante de política monetária, e não havia mais dados relevantes ou notícias novas sobre a tragédia no Rio Grande do Sul, então tínhamos que pensar em algum assunto interessante para a edição de hoje de “O Canário da Mina” (OCM). Como no último fim de semana foi divulgada mais uma ampla pesquisa sobre as eleições americanas, realizada pelo *New York Times* (NYT) em conjunto com a Siena College, decidimos voltar a esse tema, que ainda não dominou corações e mentes do mercado, mas que, provavelmente, vai impactar o cenário no segundo semestre do ano.

Talvez nem demore tanto assim. Em condições normais, a corrida eleitoral americana só começaria com as convenções partidárias dos partidos Republicano (GOP), entre 15 e 18 de julho, e Democrata, entre 19 e 22 de agosto. Entretanto, desta vez, o primeiro movimento do jogo de xadrez veio antes do esperado, com a confirmação do primeiro debate entre o candidato democrata, Joe Biden, e o republicano, Donald Trump, para o dia 27 de junho na CNN. Portanto, a primeira grande pergunta é: o que cada um dos candidatos ganha em antecipar a corrida eleitoral?

Os analistas acreditam que essa mudança é melhor para Biden do que para Trump, por dois motivos. O primeiro é que, ao colocar o ex-presidente antecipadamente em foco, mais cedo o eleitorado pode se lembrar dos “maus modos” do candidato republicano, o que foi decisivo em 2020, quando a agressividade de Trump no primeiro debate acabou afastando o eleitor moderado de sua candidatura. Seria o clássico “vale a pena ver de novo”. O segundo motivo tem a ver com o *timing*. Provavelmente o debate ocorrerá pouco depois do resultado do julgamento de Trump por fraude fiscal, no tribunal de Manhattan, e da reunião do G7 nos Estados Unidos, quando Biden estará no foco na figura de estadista. Mas essa estratégia não é sem riscos para Biden. Como mostramos no OCM 45, 71% dos eleitores americanos consideram que o atual presidente pode não estar apto para ocupar a Casa Branca por mais quatro anos, por conta de sua idade. Portanto, caso cometa alguma gafe no primeiro debate, o dano pode ser irremediável para sua candidatura, que já não está “bem das pernas”, como veremos. Ou seja, cada um tem sua estratégia, não para mostrar que é um candidato melhor, mas “menos pior” que o outro.

No parágrafo anterior, citamos a questão do julgamento de Trump no tribunal de Manhattan, o que pode ser um fator desestabilizador da candidatura do ex-presidente. O caso é picante, por ir além de uma simples fraude fiscal. Envolve um advogado “faz tudo”, Michael Cohen, que pagou USD 130 mil a uma atriz de filmes adultos, Stormy Daniels<sup>1</sup>, para que ela não revelasse, às vésperas da eleição de 2016, um caso extraconjugal que teve com Trump. A fraude fiscal foi exatamente para ofuscar o ressarcimento que o ex-presidente fez a Cohen. Ou seja, é o tipo de julgamento que americano adora acompanhar, mas será que terá impacto sobre a campanha de Trump como esperam os democratas? Talvez não, por alguns motivos. O primeiro é que, para uma parcela não desprezível da população americana, esse julgamento não é imparcial. Segundo a pesquisa NYT/Siena College supracitada, essa é

<sup>1</sup> Nome artístico de Stephanie Clifford.

a opinião de 49% dos eleitores em geral, e o número chega a 51% entre os independentes<sup>2</sup> — que, no fim, são os que vão decidir a eleição. Acontece que tanto o estado de Nova York quanto o promotor do caso são democratas, o que reforça o discurso de Trump de que se trata de um julgamento político. Mas será que a condenação do ex-presidente pode mudar esse cenário? Aparentemente a resposta é não. Segundo outra pesquisa, feita pela consultoria política Eurasia em conjunto com o instituto de pesquisa Ipsos, para 44% dos eleitores independentes e 48% dos republicanos, a intenção de voto não é impactada por uma possível condenação de Trump. Alguém pode achar que 48% para os eleitores republicanos seria pouco, mas nessa parcela só estão os que acham que “não faz diferença”. Para 34% deles, a condenação vai aumentar o apoio ao ex-presidente.

Portanto, até do que seria talvez a maior fraqueza da candidatura de Donald Trump, Biden, aparentemente, não conseguirá tirar proveito. Mas, sem dúvida, esse não é seu maior problema.

Outro estudo da Eurasia, com base em centenas de eleições pelo mundo, concluiu que incumbentes com menos de 40% de aprovação deixam de ser favoritos à reeleição; e, segundo a pesquisa NYT/Siena College, apenas 36% dos entrevistados aprovam o governo de Joe Biden — número que cai para 31% entre os eleitores independentes. Talvez por isso, na pesquisa nacional, Biden perde para Trump por 42% a 48%. Entretanto, não é bem esse número que interessa. Nos EUA o voto não é direto, ou seja, não necessariamente o candidato que ganha no voto popular leva a presidência. Resquício da época da independência americana, quando o país era formado pelas antigas 13 colônias<sup>3</sup>, a eleição americana é decidida através de um colégio eleitoral: os votantes são os delegados escolhidos pelos estados, e cada estado tem um número predefinido de delegados. Em alguns, quem vence leva todos os representantes do colégio eleitoral, independentemente da proporção de votos de cada candidato; em outros, o número de delegados é proporcional. Já houve casos recentes, como de Al Gore em 2000 e Hillary Clinton em 2016, em que o candidato vencedor no voto popular perdeu no colégio eleitoral por não ter somado, nos estados, os 270 delegados necessários para vencer. Ou seja, temos que ir, estado por estado, para saber quem vai levar delegados suficientes para ganhar no colégio eleitoral. Isso daria um trabalho. Para nossa sorte, a maioria dos estados tem “cores”: azul (democratas) e vermelho (republicanos). Por exemplo, a Califórnia é um estado “azul”, enquanto o Texas é “vermelho” por tradição. Dessa forma, temos que olhar apenas para aqueles estados que mudam de “cor” de uma eleição para outra, os chamados “*swing states*”. Atualmente, segundo os analistas políticos americanos, seriam 6 “*swing states*”: *Winsconsin*, Pensilvânia, Nevada, Geórgia, Arizona e Michigan. Aqui a situação de Biden também não é favorável.

Segundo a pesquisa NYT/Siena nesses 6 estados, Trump lidera numericamente em 5, sendo que em 4 por uma vantagem que varia entre 7 p.p. e 12 p.p. (em *Winsconsin* a vantagem de Trump é de 2 p.p.), enquanto Biden lidera numericamente somente na Pensilvânia, mas por uma diferença de apenas 3 p.p. Dá para mudar? Sim, ainda estamos muito longe das eleições, porém outras métricas reduzem a esperança de que isso seja possível. Por exemplo, dos eleitores que não declararam voto em Biden, 90% disseram que não têm nenhuma chance de apoiar

<sup>2</sup> Aqueles que não são registrados nem no partido Democrata, nem no Republicano.

<sup>3</sup> Carolina do Norte, Carolina do Sul, Connecticut, Delaware, Geórgia, Rhode Island, Massachusetts, Maryland, New Hampshire, Nova York, Nova Jersey, Pensilvânia e Virgínia.

o atual presidente — número que chega a 93% entre os independentes. Para Trump, os valores na mesma métrica são 88% e 81%, respectivamente. Mais do que números negativos para Biden, esses resultados mostram uma cristalização da situação, o que não parece favorável para quem está atrás nas pesquisas.

Mesmo assim, se a avaliação de Biden em temas que poderiam ser favoráveis a ele, como a economia, fosse positiva, ele teria no que se apoiar para virar o jogo; contudo, mais uma vez, os números não “ajudam” o atual presidente.

Quando perguntados sobre o tema mais importante para decidir o voto nas eleições de novembro, 21% disseram “economia”. Só que, quando indagados sobre a avaliação atual da economia, 78% indicaram uma avaliação negativa. Para piorar a situação de Biden, quando perguntados sobre quem poderia ter um melhor desempenho nesse assunto, Trump foi citado por 58% e Biden, por 36%; entre os independentes, esse percentual foi de 63% e 31%, respectivamente. A questão da guerra entre Israel e o Hamas também é um assunto delicado para Biden. Embora não se trate de um ponto decisivo para a escolha do eleitor (apenas 2%), 41% do eleitorado apoiam Israel, então a medida de limitar o envio de armamento para o país pode ser ruim para Biden. Por outro lado, continuar apoiando incondicionalmente Israel pode alienar o eleitorado entre 18 e 29 anos, grupo que representa 16% do total e no qual a simpatia pelo Estado Judeu alcança apenas 23% dos entrevistados.

Questões sobre imigração e aborto também são assuntos relevantes: o primeiro foi apontado por 12% dos entrevistados como fator principal para escolher o candidato; e o segundo, por 11%. Nesses casos, o mais interessante é a clivagem entre republicanos e democratas. Dentre os que se declaram eleitores do partido Republicano, 25% dos entrevistados colocam a imigração como o tema mais importante; no caso dos que se declaram eleitores do partido Democrata, esse número cai para 4%. No que se refere ao aborto, a situação se inverte. Enquanto esse tema é o mais importante para 20% dos eleitores democratas, o percentual cai para 3% pelo lado republicano. Confirmando a polarização, os dois temas são considerados relevantes para apenas 9% dos eleitores declarados independentes.

Passamos todo o OCM de hoje falando apenas dos candidatos dos partidos Democrata e Republicano, Biden e Trump, mas a corrida eleitoral americana vai além dessa dobradinha. Dos candidatos independentes que ainda estão na disputa, o que tem uma representatividade maior é Robert Kennedy Jr. E sim, ele é filho de Robert Kennedy e sobrinho de John F. Kennedy, ambos assassinados na década de 1960. Apesar de seu passado democrata, ele recentemente acumulou posições mais próximas da direita “trumpista”, como a campanha antivacina durante a pandemia. Declarou-se independente em 2023. Mesmo com essas ligações democratas, o impacto na disputa entre Biden e Trump é relativamente neutro. De seus 10% de intenções de votos nas pesquisas, 4% vêm dos que se declaram republicanos; 7%, de democratas; e 16%, de independentes. Em condições normais, essa diferença não deveria preocupar a candidatura de Biden, mas na situação atual qualquer “ponto percentual” a mais ou a menos pode fazer diferença.

Ao final do OCM 45, de 8 de março deste ano, escrevemos que *“A conclusão final é que Trump aparece como favorito a reconquistar a presidência dos EUA”*. Infelizmente para Biden, passados mais de dois meses, essa conclusão permanece válida. Trump parece cada vez mais o que se chama de “político teflon”; ou seja, nenhuma notícia ruim “gruda” nele. Até mesmo uma suposta condenação pode ser a “prova” de que ele é um perseguido político, e não um criminoso condenado. Por isso, a antecipação da campanha eleitoral, com o debate de 27 de junho, pode ser uma estratégia arriscada para Biden – se Trump não perdeu popularidade depois de incitar a invasão do capitólio em 2021, de ser indiciado em 90 crimes e, provavelmente, de ser declarado culpado de burlar regras fiscais para acobertar um caso extraconjugal, por que isso aconteceria por ser deselegante em um debate? Por outro lado, a chance de Biden, com 81 anos, cometer alguma gafe, reforçando as dúvidas sobre sua capacidade de governar o país por mais 4 anos, parece não desprezível. Por tudo isso, apesar de estarmos a mais de 5 meses da eleição, tudo leva a crer que Trump seja o ocupante da Casa Branca a partir de 20 de janeiro de 2025, dia da posse presidencial. Daí o título do OCM: o elefante é o símbolo do partido Republicano.

## Frase da Semana

*“O problema do mundo de hoje é que as pessoas idiotas estão cheias de certezas, e as pessoas inteligentes estão cheias de dúvidas.”*

Bertrand Russell

G5 Partners	2022	2023	2024
IPCA (%)	5,79	4,62	4,00
SELIC F.P (%)	13,75	11,75	9,75
USDBRL	5,28	4,86	5,20
PIB (%)	3,00	2,90	2,10